



INVESTIGAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE METÁFORA

Daniel Luis Cidade Gonçalves

Doutor em Filosofia Política e Ética pela Universidade Federal de Santa Catarina
daniel.cidade@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar e aprofundar a compreensão do conceito de metáfora, tal como ele é apresentado pelo filósofo norte-americano Richard Rorty e explorar sua importância para a filosofia. A metáfora é entendida pelo autor como uma fonte de crenças que compreende a linguagem como inserida em um domínio infinito de possibilidades, uma vez que consiste em algo que vem do exterior de nosso espaço lógico. Segundo Rorty, todos os seres humanos possuem um conjunto de palavras que podem ser utilizadas para justificar suas convicções, todavia, quando uma dúvida é lançada sobre o valor destas palavras, seu usuário dispõe apenas de recursos argumentativos circulares para defender tal valor. Metáforas seriam então ruídos desconhecidos, que não possuem qualquer sistema ou estrutura que as liguem com o convencional. Elas residem no limiar da tradição e daquilo que ainda não foi pensado, são surpresas inesperadas. Seu propósito é nos libertar da linguagem que usamos atualmente. Os termos com que justificamos nossas convicções atuais estão fadados à obsolescência e o progresso pode ser compreendido como um processo de literalização de metáforas que nos permita mudar o modo como falamos e concebemos o mundo. Comparamos diferentes vocabulários, descartando os que nos parecem ruins e mantendo os que nos parecem desejáveis. Para isso, o estímulo de encontros livres e francos é indispensável.

Palavras-Chave: Metáfora. Progresso. Linguagem. Neopragmatismo. Rorty.

INVESTIGATIONS ABOUT THE CONCEPT OF METAPHOR

Abstract: *The purpose of this article is to present and deepen the understanding of the concept of metaphor as it is presented by the north-American philosopher Richard Rorty, and to explore its importance for philosophy. Metaphor is understood here as a source of beliefs that understands language as inserted into an infinite domain of possibilities, since it consists of something that comes from outside of our logical space. According to Rorty, all human beings have a set of words that can be used to justify their convictions; however, when a doubt is cast on the value of these words, their user has only circular argumentative resources to defend that value. Metaphors would then be like unknown noises, having no system or structure to link them with the conventional. They reside at the threshold of tradition, and what has not yet been thought, they are unexpected surprises. Their purpose is to free us from the language we use today. The terms by which we justify our present convictions are doomed to obsolescence, and progress can be understood as a process of literalizing metaphors that allows us to change the way we speak and conceive the world. We can compare different vocabularies, discarding those that seem bad to us, and keeping what seems desirable to us. For this, the stimulation of free and frank encounters is indispensable.*

Keywords: *Metaphor. Progress. Language. Neopragmatism. Rorty.*

Introdução

Este artigo possui duas pretensões, uma filosófica, a outra política. A pretensão filosófica consiste na tentativa de compreender o conceito de metáfora, sem esgotá-lo. Uma vez que a metáfora pode ser definida como algo fora do nosso espaço lógico, algo que pode se colocar como candidato a ser literalizado – ou seja, inserido em nosso espaço lógico –, mas pertence ao âmbito daquelas coisas que não estão muito claras para nós, falar sobre este conceito implica deixar o caminho aberto a intervenções, críticas e eventuais confusões. Segundo Gideon Calder, em sua obra dedicada a Richard Rorty, “As surpresas são, por definição, não previsíveis.” (CALDER, 2003, p. 40). Este artigo, de certa forma, trata desta imprevisibilidade como algo importante para nossa vida filosófica, mas tenta ir mais além e compreender tal imprevisibilidade como imprescindível à nossa vida política e social.

O segundo objetivo deste artigo consiste na possibilidade de vislumbrar a apresentação do conceito em um quadro teórico no qual o mesmo assume um papel de extrema importância para o “progresso” das sociedades ocidentais modernas, na tentativa de harmonizar nossas crenças e desejos, objetivo de crucial importância para a empreitada contemporânea de construir sociedades civilizadas. Deste modo, uma vez que o conceito tenha sido devidamente esclarecido e problematizado, cabe elucidar sua participação no progresso social e político ao longo de nossa tradição.

1. Pragmatismo e contingência

Segundo Rorty, em seu artigo intitulado *Pragmatismo, relativismo e irracionalismo* (1982), o pragmatismo nomeia a principal glória intelectual dos EUA. Todavia, muitos filósofos atualmente acreditam que tudo o que o pragmatismo possui de mais importante foi preservado e adaptado às demandas da filosofia analítica. Embora esta seja uma abordagem possível, para Rorty, ela ignora o que existe demais importante em James e Dewey, que, por sua vez, foram capazes de romper completamente com a tradição epistemológica kantiana¹. Este rompimento pode ser presenciado também em pensadores muito mais populares que James e Dewey, como Heidegger e Nietzsche. Todavia, a preferência de Rorty pelos primeiros deve-se ao fato de eles não terem se voltado contra a comunidade da qual faziam parte, tendo permanecido fiéis ao espírito de esperança social proveniente da autoconsciência iluminista. Desta forma, podemos dizer que o pragmatismo de Rorty assume uma postura não fundacionista e pós-nietzschiana. Podemos ver isso claramente nas três definições possíveis que o autor dá ao pragmatismo.

Em sua primeira caracterização, o pragmatismo pode ser visto como “antiessencialismo aplicado a noções como <<verdade>, <<conhecimento>>, <<linguagem>>, <<moralidade>>, e objetos semelhantes da teorização filosófica.” (RORTY, 1982, p. 233). Neste contexto, cabe recorrer à definição de William James na qual “Verdadeiro é o nome do que quer que prove ser bom no sentido da crença, e bom, também, por razões fundamentadas e definitivas”. (JAMES, 1989, p. 28). A partir daí podemos propor um conceito de verdade na qual ela não é vista como algo

¹ Segundo Rorty, boa parte desta tentativa de reduzir o pragmatismo à filosofia analítica deve-se a uma tendência de elogiar exageradamente Peirce, que permaneceu o mais kantiano dos pensadores pragmatistas, convencido de que a filosofia poderia nos fornecer um contexto anistórico capaz de atribuir um lugar e uma hierarquia às mais diferentes espécies de discursos.

que possui uma essência, ou melhor, algum tipo de correspondência com a realidade.

Em sua segunda definição de pragmatismo, Rorty alega que “não existe diferença epistemológica entre a verdade acerca do que deve ser e a verdade acerca do que é, nem nenhuma diferença metafísica entre factos e valores, nem nenhuma diferença metodológica entre moralidade e ciência.” (RORTY, 1982, p. 235). Segundo Rorty, Platão estava errado ao pensar que a tarefa da filosofia moral é descobrir a essência do bem, assim como Kant e Mill também estavam ao tentar reduzir a escolha moral a uma regra. Para o pragmatismo – ou melhor, para a maneira como Rorty entende o pragmatismo –, o padrão de toda investigação científica e moral é a “deliberação a respeito dos atractivos relativos de várias alternativas concretas.” (RORTY, 1982, p. 235).

A terceira caracterização do pragmatismo é definida por Rorty da seguinte maneira: “[...] é a doutrina de que não existem constrangimentos à investigação salvo os conversacionais.” (1982, p. 236). De acordo com tal definição, os objetos não nos constrangem a acreditar em verdades sobre eles, de modo não existem métodos para saber quando alcançamos aquilo que chamamos de Verdade, ou quando estamos mais próximos dela².

Embora todas as três caracterizações sejam relevantes e tratem sempre da mesma questão, mudando apenas o foco de análise, Rorty optou pela terceira definição, visto que ela deixa mais explícito a ideia de que os nossos pontos de partida são sempre contingentes. Segundo Rorty: “Aceitar a contingência dos pontos de partida é aceitar a nossa herança de, e a nossa conversação com, os nossos companheiros humanos como nossa única fonte de orientação.” (1982, p. 237).

A contingência não pode ser evitada, de acordo com Rorty. Tentar fazer isso nos leva à esperança de que sejamos uma máquina adequadamente programada. Abrir mão da ideia de que podemos encontrar algum tipo de estrutura, linguagem ou vida social, *a priori* de qualquer investigação possível, é abrir mão daquilo que Nietzsche chamava de “conforto metafísico”. Rorty seria então um filósofo pós-metafísico que preza muito mais pela nossa lealdade para com os outros seres humanos – lealdade esta que não depende de nenhum tipo de estrutura ou essência primordial que nos ligue metafisicamente aos outros –, do que pela busca de incluir nossas crenças e desejos em um sistema seguro, que represente as coisas como elas são em si mesmas, ou esteja mais próximo de alguma correspondência com a realidade.

Para Rorty, reconhecer a contingência do vocabulário com o qual expressamos nossas crenças, desejos e esperanças, não implica esvaziar ou atomizar nossa consciência, pelo contrário, podemos perfeitamente permanecer fiéis a ela. O benefício disso é o aumento de liberdade, descrito pelo autor como “liberdade como reconhecimento da contingência” (RORTY, 2007, p. 92). Este reconhecimento seria uma das principais virtudes dos integrantes de uma sociedade liberal, agora livres do conforto metafísico anterior.

Rorty dedicou a maior parte da sua obra a debates com aqueles que defendiam uma concepção de verdade como correspondência à realidade. Seu objetivo principal foi livrar-se dos “essencialismos” explícitos ou ocultos nas obras de

²Acreditamos ser interessante o V maiúsculo na palavra, denotando que estamos nos referindo à concepção tradicional de verdade, ou seja, ao conceito de verdade como correspondência.

diversos autores. Segundo Lyotard: “Simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos” (2013, p.xvi). Se aceitarmos esta definição de Lyotard (que não é livre de controvérsias), Rorty pode ser classificado como um pós-modernista (ainda que em um momento avançado de sua obra tenha recusado tal epíteto, levando em conta as inúmeras confusões causadas pelo termo). Porém, o filósofo estadunidense foi mais além. Enquanto esta incredulidade, para alguns, significava renunciar a nossa tradição, às vezes aderir a algum tipo de niilismo, pessimismo ou algo do gênero (como fizeram muitos pós-modernos, explicando assim a visão deturpada que muitos indivíduos de nossa cultura expressam ao simplesmente ouvir o termo), para Rorty, ela implicava uma oportunidade de reforçar ainda mais a nossa tradição, livrando-se daquilo que não servia mais a nossos propósitos. Por este motivo, na tentativa de dialogar com a tradição filosófica e incluir essa incredulidade, esse ceticismo prático, Rorty frequentemente redescreve alguns pensamentos de maneira coerente, porém “garimpando” palavras, termos e conceitos que podem ser expressos com maior rigor filosófico quando se encontram livres de vestígios essencialistas.

Nesse contexto, seu pragmatismo não necessariamente faz jus às intenções dos autores pragmatistas, embora Rorty tenha bons motivos e boas passagens para defender que ele se encontra sim em coerência com o pensamento de James e Dewey, ou, no mínimo, com a parcela do pensamento destes autores que ele considera importante resgatar e manter viva em nossa cultura. Este artigo, todavia, não visa discutir se o pragmatismo de Rorty está em harmonia com a tradição pragmatista, mas tomá-lo como digno de ser levado a sério e, a partir disso, defender sua importância e explorar suas possibilidades. O conceito de metáfora seria então um conceito-chave que serve de fio condutor para compreendermos melhor a intenção do autor de maneira mais ampla.

2. O que é uma metáfora?

Em “Filosofia como ciência, como metáfora e como política” (RORTY, 1999), Rorty nos diz que existem três maneiras pelas quais adicionamos novas crenças às nossas crenças anteriores: a percepção, a inferência e a metáfora. A percepção é o processo de introdução de uma nova crença à nossa rede de crenças anteriores. Dessa forma, quando eu abro uma porta e vejo um colega fazendo algo que eu jamais imaginaria possível, sou coagido a repensar minhas velhas crenças para harmonizar meu novo conjunto de crenças com essa informação que me foi acrescentada.

A inferência, por sua vez, consiste em mudar nossas crenças fazendo-nos ver que algumas crenças que sustentávamos anteriormente nos forcem a decidir se elas são realmente verdadeiras e devem ser mantidas, ou se devemos alterá-las e explorar a possibilidade de novas crenças. Se minhas crenças atuais me levam a uma sequência de raciocínios cuja conclusão é a de que o meu amigo é um assassino, eu sou obrigado a repensar minhas crenças ou minha amizade.

Segundo Rorty, tanto a percepção quanto a inferência deixam nossa linguagem inalterada, alterando os valores de verdade das sentenças, mas não o nosso repertório de sentenças. Assumir que percepções e inferências são as únicas maneiras de modificar nossas crenças é pressupor que toda linguagem que falamos hoje é toda a linguagem que há e de que sempre precisaremos.

Todavia, podemos pensar em uma terceira fonte de crenças: a metáfora. O conceito em questão implica a aceitação de que nosso espaço lógico e nosso domínio de possibilidades são infinitos. Trata-se de abandonar a ideia de que o nosso pensamento seria capaz de atingir aquilo que Hilary Putnam chamou de “o ponto de vista do olhar de Deus” e entendê-lo como o resultado de um processo criativo, sem fins pré-estabelecidos, que não almeja um término. Para Rorty, a tradição filosófica colocou a metáfora em uma posição inferior, porque se ela fosse reconhecida como uma terceira fonte de verdade, colocaria em risco a concepção tradicional de filosofia que busca ser capaz de culminar algum dia em um patamar seguro. Interessa-nos a seguinte passagem:

Uma metáfora é, por assim dizer, uma voz que vem do exterior do espaço lógico, ao invés de um preenchimento empírico de uma porção desse espaço, ou uma clarificação da linguagem e da vida de alguém, ao invés de uma proposta sobre como sistematizar tanto uma como a outra. (RORTY, 1999, p. 27).

Rorty adota a perspectiva de Davidson de que existe uma distinção entre o significado e o uso de uma expressão, e que a metáfora pertence exclusivamente ao domínio do uso. Isso leva Davidson a dizer que a maioria das metáforas é falsa, mas Rorty reitera que teria sido melhor dizer que a maioria das metáforas assume o formato de sentenças que nos parecem ser, em um primeiro momento, falsas. Todavia, posteriormente, essas mesmas sentenças podem vir a ser pensadas como verdadeiras. Para citar alguns exemplos de Rorty, segundo o autor, a primeira vez que alguém disse “O amor é a única lei” ou “A terra se move em torno do sol”, a reação geral entendeu tais afirmações como metáforas. Centenas de anos depois, tais sentenças se tornaram candidatas a verdades literais. Isso acontece, de acordo com Rorty, porque nossas crenças puderam ser reformuladas de modo que estas metáforas passaram a fazer sentido e possuir valor de verdade. Esse processo necessita do reconhecimento de que a verdade não seria algo que podemos encontrar no interior de nós mesmos, mas algo que só se tornou acessível devido a uma série de fatores contingentes, ou, nas palavras do autor “graças a um gênio idiossincrático” (1999, p. 28).

O autor nos propõe abandonarmos a imagem da mente ou da linguagem como coisas que se ajustam cada vez melhor aos propósitos da natureza e compreender a história da mente, da linguagem e até mesmo das artes, das ciências e do senso moral, como a história da metáfora. Poderíamos pensar nesta história do mesmo modo que Darwin pensou a história de um recife de coral:

Essa analogia nos permite pensar em “nossa língua” – isto é, a linguagem da ciência e da cultura da Europa do século XX – como algo que ganhou forma como resultado de um grande número de meras contingências. Nossa linguagem e nossa cultura são tão contingentes, tão resultantes de milhares de pequenas mutações que encontraram nichos (e milhões de outras que não os encontraram), quanto as orquídeas e os antropóides. (RORTY, 2007, p. 46).

Podemos explorar ainda mais a ideia. Pensar na nossa história como análoga à história de um recife de coral, neste contexto, significa pensar que nossas crenças, desejos e esperanças mais primordiais são contingentes aos acontecimentos práticos que atingiram nossa cultura. A princípio, éramos seres muito mais simples do que somos atualmente, mas a evolução biológica nos permitiu desenvolver ferramentas de modo que eventualmente nos tornamos seres culturais. Dessa forma, na própria cultura fizemos um certo tipo de “progresso” (que será explicado mais para a frente), que nos permitiu desenvolver e aperfeiçoar uma série de crenças úteis, não por se referirem a alguma espécie de verdade inscrita na natureza, mas por serem boas e desejáveis aos propósitos que nós mesmos criamos ao longo dessa história. Assim, criando e matando metáforas³, nós fomos evoluindo ao que somos hoje e continuaremos indefinidamente nesse processo, sem garantia alguma de que chegaremos a algum lugar, mas sempre esperançosos de que podemos dar algum sentido às nossas vidas, sentido este que espelha muito mais a nossa história cultural de seres humanos do que a nossa natureza enquanto seres biológicos que nasceram com algum *télos* ou finalidade.

Neste contexto, a distinção entre o literal e o metafórico não se resume à distinção entre dois tipos de significados ou interpretações, “mas como uma distinção entre usos conhecidos e não conhecidos de ruídos e marcas.” (RORTY, 2007, p. 48). Os usos literais destes ruídos nos permitem uma articulação entre nossas teorias atuais, o uso metafórico nos exige o desenvolvimento de uma nova teoria. Isso porque não podemos pensar nas metáforas como dotadas de sentidos literais ou significados, visto que ter um significado implica em ter um lugar em um jogo de linguagem, e segundo Rorty, as metáforas não possuem esse lugar por definição. Rorty alega, com Davidson, que:

A seu ver, jogar uma metáfora numa conversa é como interrompê-la de chofre, por tempo suficiente para fazer uma careta, ou tirar uma fotografia do bolso e exibi-la, ou apontar para uma faceta dos arredores, ou esbofetear o rosto do interlocutor, ou dar-lhe um beijo. Jogar uma metáfora num texto é como usar grifos, ilustrações, ou pontuações ou diagramações esquisitas. (2007, p. 48/49).

Temos aqui, meios de produzir efeitos no interlocutor, mas não de transmitir uma mensagem dotada de sentido. Se a pessoa quisesse expressar uma frase dotada de sentido, poderia ter feito, mas possivelmente achou que seu objetivo se transmitiria melhor por outros meios⁴. Declarar esse sentido seria encontrar um uso conhecido (literal) das palavras, algo que já estivesse em um jogo de linguagem

³ Aqui é importante explicar que matar uma metáfora consiste em literalizá-la, ou seja, tirá-la da condição de algo que está além do nosso espaço lógico e trazê-la para ele. Uma vez inserida em nosso espaço lógico ela se torna uma metáfora morta, que pode vir a ser considerada verdadeira ou falsa. Precisamos evitar então a confusão de que uma metáfora morta seja uma metáfora falsa, a sua morte não é sua refutação (não é possível refutar algo fora do nosso espaço lógico), mas a sua literalização. Apenas depois de literalizada podemos confirmá-la ou refutá-la, ou melhor, apreciá-la ou rejeitá-la.

⁴ Que frequentemente consistem em palavras ou ideias conhecidas, apresentadas de maneiras pouco familiares, e não tapas, beijos, fotos ou caretas.

prévio. A metáfora, por sua vez, possui um caráter não parafraseável, encontrado em sua inadequação para com qualquer frase familiar.

Nesse contexto, enunciar uma metáfora, ou seja, uma frase que não possui um lugar fixo em algum jogo de linguagem existente, consiste em enunciar algo que não é verdadeiro nem falso. Segundo Rorty, podemos apenas saborear ou cuspir uma metáfora e, com o tempo, caso optemos por saboreá-la, torná-la uma candidata ao valor de verdade. Feito isso, ela passará a ocupar um lugar conhecido, dentro de algum jogo de linguagem. Uma vez que isso aconteça, ela deixará de ser uma metáfora, ou melhor, terá se transformado naquilo que Rorty chama de “metáfora morta”, que consiste em apenas mais uma frase da nossa língua, que pode ser verdadeira ou falsa.

3. Literalização de metáforas como forma de progresso intelectual e moral

Tendo em vista as considerações apresentadas acima, podemos compreender “o progresso intelectual e moral como uma história de metáforas cada vez mais úteis, e não de uma compreensão crescente de como as coisas realmente são.” (RORTY, 2007, p. 35). Estamos livres para redescrever tudo aquilo que nos diz respeito, buscando sempre contornar objeções e ampliar o alcance de novas metáforas, que podem servir melhor a nossos propósitos do que as metáforas mortas atuais. Segundo Rorty: “O tributo apropriado a pagar por metáforas novas, vibrantes e vivas é auxiliá-las a tornarem-se metáforas mortas tão rápido quanto possível, a reduzi-las rapidamente ao status de instrumentos de progresso social.” (1999, p. 32).

De acordo com Rorty, sem estarem cientes disso, o cristianismo ajudou a aliviar a crueldade, Newton possibilitou a tecnologia moderna e os poetas românticos contribuíram para o desenvolvimento de uma ética adequada ao liberalismo. Nós, por nossa vez, podemos incluí-los ao contarmos a história do progresso que nunca pode ser contada por aqueles que efetivamente o criam. Tais pessoas devem ser vistas como fabricantes de instrumentos (e não descobridores de essências). Nossa consciência moral, nossa cultura e nossa forma de vida são um produto disso tudo.

Esse quadro é possível devido àquilo que o autor chama de “revoluções conceituais”, que consistem em sugestões que podem nos parecer loucas à primeira vista, e podem ser apresentadas por pessoas sem honra ou credibilidade em seu país, mas que eventualmente nos arrebatam como verdades luminosas, que frequentemente nos dão a impressão de terem sempre estado latentes na razão humana. Para Rorty, a tradição filosófica tentou exibir a história intelectual como proveniente de uma “racionalidade oculta” que esteve aí o tempo todo. Segundo o autor, todavia, podemos compreender melhor essa tradição se pensarmos nessas revoluções como o processo de literalização de metáforas. O propósito da filosofia, nesse contexto, é nos permitir sentir a força das metáforas propostas pelos grandes pensadores da nossa humanidade, sem nos deixar esquecer a contingência histórica disso tudo.

Rorty tem a pretensão de afastar a “retórica cientificista” e abrir as portas para o pragmatismo, compreendido como a tentativa de preparar o solo para os ideais que a Revolução Francesa buscou, ou seja, a construção de uma sociedade na qual todas as potencialidades humanas receberiam uma chance justa. Nesse contexto, o

conceito de verdade como correspondência com a realidade poderia ser substituído pelo conceito de verdade como o resultado daquilo que “passamos a acreditar no decorrer de contatos livres e francos.” (RORTY, 2007, p. 128)

Os cidadãos de uma sociedade pragmatista pós-metafísica deveriam, segundo Rorty, ter a convicção de que um mundo melhor seria um mundo no qual toda e qualquer metáfora recente possuía uma chance de ser ouvida. Nenhuma esperança, crença ou desejo humanos devem ser vistos como sagrados a ponto de acharmos coerente rejeitar automaticamente alguma metáfora. Nas palavras de Rorty:

De um ponto de vista pragmático, dizer que a crença que se apresenta agora para nós como racional não precisa ser verdadeira é simplesmente dizer que alguém pode surgir com uma ideia melhor. É dizer que há sempre espaço para uma crença aperfeiçoada, desde que uma nova evidência, ou novas hipóteses, ou todo um novo vocabulário, também a acompanhe. Para os pragmáticos, o desejo por objetividade não é o desejo de escapar das limitações de uma comunidade, mas simplesmente o desejo de alcançar a maior concordância intersubjetiva possível, o desejo de estender a referência do pronome “nós” tão longe quanto possível. Do modo como os pragmáticos fazem a distinção entre conhecimento e opinião, ela não passa da distinção entre tópicos nos quais uma tal concordância é relativamente fácil de ser conseguida e tópicos nos quais essa concordância é difícil de ser conseguida. (2002, p. 39).

Assim, para Rorty é desejável que nos desacostumemos com a ideia de que existe algo “lá fora” ao qual devemos nos adequar. Nossas crenças, desejos, convicções e esperanças estão fadados à obsolescência. Sempre precisaremos de novas metáforas, pois nunca chegaremos a algum local de repouso final para o pensamento.

4. Um exemplo em direção à solidariedade

No Brasil, na prova do ENEM aplicada no dia 24/10/2015, o seguinte trecho de Simone de Beauvoir foi citado:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

A questão causou alvoroço, não tanto pelo trecho mencionado, mas pela frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”, lida e citada frequentemente de maneira isolada. Muitas foram as acusações em redes sociais de que a autora não entendia nada de biologia, de que estava negando a natureza humana ou algo parecido. O deputado federal Jair Bolsonaro fez a seguinte afirmação:

Mais ou tão grave quanto a corrupção é a doutrinação imposta pelo PT junto a nossa juventude. O João não nasceu homem e a Maria não nasceu mulher. O sonho petista em querer nos transformar em idiotas materializa-se em várias questões do Enem (Exame Nacional do Ensino MARXISTA). (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Já o deputado federal Marco Feliciano proferiu a seguinte declaração:

Infelizmente o que é para ser um momento de júbilo entre toda sociedade, estudantes, seus familiares e os mestres responsáveis pelo futuro de uma geração, mais uma vez se torna instrumento para que alguns infiltrados mostrem suas garras fétidas e invistam sobre a formação intelectual de nossos jovens, tentando incutir em suas puras mentes culturas estranhas aos nossos costumes e tradições. (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Esse exemplo é um caso bastante interessante e merece ser trazido aqui para problematizar o conceito de metáfora, por uma série de motivos. É bastante discutível se a frase de Beauvoir pode ser vista ou não como uma metáfora, visto que para muitos ela já pode ser considerada como literalizada em nossa cultura. Dentre estes que a compreendem como literalizada, muitos (progressistas, na maioria das vezes) podem vir a considerá-la verdadeira e muitos (posição predominantemente conservadora) a considerá-la falsa. Contudo, considera-la uma metáfora morta consiste em aceitar que a compreensão de uma parcela pequena (ou média) de indivíduos é suficiente para isso. A evidente incompreensão de inúmeros cidadãos, muitos deles deputados federais, professores universitários, médicos, advogados, dentre muitos outros, nos leva a questionar se não existe ainda um forte caráter metafórico na expressão.

O que fica explícito aqui é que não existe, em nível social, um momento específico no qual uma expressão deixa de ser uma metáfora e passa a ser uma metáfora morta (literalizada). Isso porque o critério é a sua inclusão no espaço lógico, mas o espaço lógico dos indivíduos pode ser diferente. Em sociedades complexas, globalizadas e pluralizadas, pode existir um enorme abismo entre os diferentes modos de vida de seus cidadãos. Pessoas que não tiveram acesso nenhum à educação e pessoas que dispuseram de tempo livre suficiente para dedicar suas vidas ao estudo dos grandes clássicos do pensamento mundial. Sem levantar juízos de valores, é evidente que existe uma diferença enorme entre o espaço lógico destes cidadãos e, conseqüentemente, na sua capacidade de considerar algo como metafórico (e portanto, incompreensível) ou literal (e portanto, compreensível, embora não necessariamente aceitável). Esse tipo de problema, por sua vez, não é trabalhado por Rorty. Talvez porque ele não estivesse preocupado em estipular uma linha divisória na qual algo é ou não é uma metáfora. Talvez ele sintasse confortável em pressupor que a frase de Beauvoir encontra-se “em processo de literalização”. De fato, nada impede que tal metáfora seja literalizada apenas por alguns indivíduos, de modo que permaneça incognoscível a outros.

A ideia de que existe um erro “biológico”, uma incompreensão de Beauvoir acerca do que é homem ou mulher, como se ela não fosse capaz de entender que os seres humanos nascem com dois tipos de genitais diferentes⁵ e que denominamos “homem” os que nascem com um tipo específico e “mulher” os que nascem com outro, nos mostra claramente que não existe espaço lógico para alguns indivíduos compreenderem o que está sendo dito. Não podemos, entretanto, confundir tais indivíduos que demonstram claramente essa incompreensão, com aqueles que entenderam perfeitamente, mas por questões ideológicas, religiosas ou pessoais, discordam da afirmação. A frase já citada de Feliciano esboça claramente que ele se opõe ao conteúdo do trecho de Beauvoir, mas não fica evidente se ele a compreendeu, visto que parece estar mais preocupado com os efeitos ideológicos de uma afirmação como essa. Já o trecho de Bolsonaro no qual ele diz “O João não nasceu homem e a Maria não nasceu mulher.”, deixa bastante claro que ele não entendeu absolutamente nada do que Beauvoir queria dizer. A menos que o deputado tenha forjado uma incompreensão por questões políticas (algo plausível), podemos seguramente dizer que trata-se de uma metáfora para ele. Mas os exemplos são apenas ilustrativos, visto que é incontável o número de comentários que seguem a mesma linha. Não poderiam todos eles estarem agindo de má fé interpretativa.

Longe de querer debater se Beauvoir estava certa, o importante aqui é discutir o estatuto de sua afirmação perante o atual quadro de compreensão dos cidadãos brasileiros, demonstrando que metáforas podem levar décadas para serem literalizadas e que esse processo não ocorre de uma vez por todas entre todos os cidadãos de uma sociedade. Logo, estamos tratando de um conceito fluido, líquido, que não pode ser colonizado por teorias filosóficas que possuem um caráter cientificista. A frase de Beauvoir pode ser uma metáfora para alguns e pode estar literalizada para outros. Assim como Nietzsche, Rorty é um perspectivista (mas isso é assunto para outro artigo). Contudo, nesse artigo assumimos a postura de que enfrentar o problema da literalização das metáforas é algo que precisa ser feito, não apenas com intenções epistemológicas ou voltadas à filosofia da linguagem, mas com objetivos ético-políticos declarados. Para isso precisamos compreender a visão de Rorty acerca da solidariedade. Em *Contingência, Ironia e Solidariedade*, o autor declara: “A solidariedade não é descoberta pela reflexão, mas sim criada. Ela é criada pelo aumento de nossa sensibilidade aos detalhes particulares da dor e da humilhação de outros tipos não familiares de pessoas.” (RORTY, 2007, p. 20).

Fica claro que, para Rorty, a própria solidariedade é uma metáfora, embora possamos dizer que trata-se de uma metáfora plenamente literalizada pela nossa tradição ocidental (achamos difícil encontrar um exemplo em que a ausência de solidariedade possa ser justificada de maneira honesta em termos de pura incompreensão). Nesse contexto, Rorty nos apresenta uma definição de progresso humano:

A visão que ofereço diz que existe um progresso moral e que esse progresso se dá, de fato, em direção à maior solidariedade humana, mas essa solidariedade não é vista como o reconhecimento de um eu nuclear – a essência humana – em todos os seres humanos. É vista, antes, como a capacidade de considerar sem importância um

⁵ Exceto os hermafroditas, que nascem com ambos.

número cada vez maior de diferenças tradicionais (de tribo, religião, raça, costumes etc.), quando comparadas às semelhanças concernentes à dor e à humilhação – a capacidade de pensar em pessoas extremamente diferentes de nós como incluídas na gama do “nós”. (2007, p.316/317).

Se aceitarmos o fato de que a solidariedade é uma metáfora e o progresso humano pode ser definido de maneira antiessencialista como a expansão dessa metáfora em busca da diminuição do sofrimento, nos permitindo a inclusão de um número cada vez maior de indivíduos no nosso “círculo da solidariedade”, encontramos alguns problemas. O primeiro problema não será trabalhado aqui, apenas enunciado. Trata-se da aceitação da solidariedade como metáfora dentro de uma tradição platônica bastante entusiasmada com a incessante busca de essências. De fato, boa parte da obra de Rorty consiste em problematizar, debater e desconstruir inúmeros conceitos dessa tradição, reescrevendo-os em termos pragmatistas. Consideramos essa uma tarefa bastante importante, mas acreditamos que a tradição platônica só pode ser superada gradativamente. Para isso, um melhor desenvolvimento do segundo problema pode nos ser bastante salutar. Trata-se da literalização de metáforas úteis à empreitada de aumentar a solidariedade e diminuir o sofrimento.

Quando a metáfora de Beauvoir é incompreendida por uma parcela considerável da população brasileira, temos um problema que certamente pode ser enunciado em termos epistemológicos ou referentes à filosofia da linguagem. Mas temos também um problema político. Todos aqueles que compreenderam efetivamente que “ser mulher” é estar envolvido em um contexto social com expectativas, coerções, exigências, modelos, diálogos e mais uma série de coisas que vão muito além de uma natureza biológica, podem se engajar em um debate ético-político que aqueles que permanecem na incompreensão não podem. No momento em que a metáfora é literalizada, nos sobra duas alternativas: a repressão ou a liberdade. A partir desta literalização, nós podemos buscar ampliar a solidariedade para todas as mulheres que não quiserem se submeter às exigências sociais do “ser mulher⁶” ou podemos insistir em alguma versão do conceito de “natureza humana” que vá além do biológico e sirva para legitimar a repressão e a normalização das individualidades marginalizadas. Nossa “natureza biológica” deixa de estar em jogo, pois simplesmente não é dela que estamos falando.

Nunca podemos saber quando um indivíduo adota uma posição por incompreensão ou má-fé. Quando estamos falando de um grande número de pessoas, todavia, podemos supor com alguma segurança que uma boa parte está agindo por ignorância e outra por má-fé. O objetivo deste artigo é elucidar a importante tarefa filosófica de compreender que temos metáforas a serem literalizadas – como a de Beauvoir –, e metáforas a serem expandidas – como a da solidariedade. Se aceitarmos o conceito rortiano de progresso, ainda temos um longo trabalho pela frente. Tornar cognoscível a todos o fato de que a polêmica frase de Beauvoir não diz respeito a cromossomos e órgãos sexuais, mas à repressão,

⁶ Importante ressaltar e concordar com aqueles que já repararam que o mesmo raciocínio pode ser estendido às mais inúmeras demandas sociais coercitivas, como “ser homem”, “ser gay”, “ser negro” etc. Qualquer exigência social que possa aprisionar pessoas à uma individualidade que lhe causará sofrimento, pode ser problematizada e desconstruída.

liberdade, identidade, respeito e solidariedade, é uma tarefa que nos possibilitaria dar um pequeno passo em direção a esse ideal de progresso que nos parece bastante interessante.

Conclusão

O conceito de metáfora pode permanecer ainda um pouco obscuro e problemático. Isso porque a tradição na qual ele é perfeitamente claro e compreensível não pertence ao *status quo*. Dependendo do ponto de vista, podemos interpretar algo como uma metáfora ou como algo já literalizado em nossa cultura. A dificuldade aqui consiste na ideia de que não existe uma linha pré-definida, ou critérios sob os quais poderíamos dizer seguramente que algo deixou de ser metafórico. Mas isso não deveria servir de motivo para abandonarmos a busca por inserir tal conceito em nossa linguagem, visto que o mesmo nos traz uma série de vantagens.

Através do conceito de metáfora podemos romper com a tradição platônica que visa a buscar essências, formas ou ideias, que almeja uma distinção profunda entre verdade e opinião; e que tenta colocar a filosofia em um lugar seguro, científico, quase matemático. O progresso da nossa cultura, a partir de então, possui um caráter pragmático. É na medida em que resolvemos os problemas que consideramos necessários serem resolvidos que podemos dizer que estamos progredindo e não na medida em que espelhamos mais ou menos a realidade, ou as coisas tais como elas são em si mesmas.

Literalizar algumas metáforas pode nos colocar um pouco mais próximos do ideal de solidariedade de Rorty. Pode permitir que alguns seres humanos sofram menos. Neste artigo trabalhamos com uma metáfora que supostamente já foi literalizada por uma parte de nossa sociedade, mas não por outra. De fato, não precisamos de nenhuma análise rigorosa para constatar que aqueles que compreenderam verdadeiramente o que está em jogo, já se comportam de maneira diferente. A solidariedade já aumentou um pouco, mas pode aumentar ainda mais.

* * *

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2 ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

CALDER, Gideon. **Rorty e a redescrição**. Tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Unesp, 2003.

JAMES, William. **Pragmatismo**. Tradução de Jorge Caetano da Silva. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 15 ed. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

RORTY, Richard. **Consequências do pragmatismo**. Tradução de João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1982.

_____. **Ensaio sobre Heidegger e outros.** Escritos filosóficos 2. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

_____. **Objetivismo, relativismo e verdade: Escritos filosóficos I.** Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **Contingência, ironia e solidariedade.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Questões e redações do Enem recebem críticas e elogios em rede social.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1698468-questao-e-redacao-do-enem-recebem-criticas-e-elogios-nas-redes-sociais.shtml> Acesso em 29 de agosto de 2017.